

Conhecimento histórico: imagens de outros tempos no tempo presente

Historical knowledge: images of other times at the present time

Clarícia Otto

UFSC

clariciaotto@yahoo.com.br

Daniela Eli

PIBIC/CNPq-UFSC

daniela_eli@hotmail.com

Resumo: Este artigo é um recorte da pesquisa “História e Educação: investigações sobre a apropriação do conhecimento histórico” e conta com bolsa de iniciação científica PIBIC/CNPq – BIP/UFSC – 2010/2011. Objetiva-se apresentar como professores de História e alunos da educação básica compreendem as imagens “O grito do Ipiranga” e “A Primeira Missa no Brasil”. Por meio de entrevistas e aplicação de questionários, buscou-se observar as relações construídas sobre as imagens em suas versões e temporalidades distintas: o tempo da reprodução da imagem no livro didático, o tempo da produção da pintura e o tempo em que ocorreu o fato histórico representado pelo pintor.

Palavras-chave: Ensino de História. Iconografia. Documento. Consciência Histórica.

Abstract: This article is an excerpt of the study "History and Education: research on the appropriation of historical knowledge," supported by a scientific initiation scholarship PIBIC / CNPq - BIP / UFSC - 2010/2011. The aim is to present how history teachers and students of basic education understand the images of "The shout of Ipiranga" and "First Mass in Brazil". Through interviews and questionnaires, the observation of the relationships built over the images in their versions and different temporalities was sought: the time of image reproduction in the textbook, the painting time and the time the represented historical fact has occurred.

Keywords: History teaching. Iconography. Document. Historical Consciousness.

O que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade.
(LE GOFF, 2003, p. 525)

A produção e seleção de imagens

A imagem representando Dom Pedro I bradando “Independência ou Morte”, mais conhecida pela população brasileira como “O Grito do Ipiranga”, é uma pintura de Pedro

Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905), produzida entre 1886 e 1888, em Florença, na Itália. Atualmente se encontra no salão nobre do Museu Paulista (SP).

Por meio dessa imagem, Pedro Américo procurou remontar ao fato de que no dia sete de setembro de 1822, Dom Pedro I, às margens do riacho Ipiranga, em São Paulo, com o forte brado: “Independência ou Morte!”, proclamou a Independência do Brasil. É mister destacar que Pedro Américo busca retratar um fato ocorrido há sessenta e quatro anos. Esse acontecimento, tornado fato histórico, é conhecido e celebrado em todo o território nacional. Nos meios escolares, geralmente os professores de História são encarregados de abordar acerca do respectivo acontecimento.

Num estilo antitético ao de Pedro Américo, o tema da Independência também foi retratado em 1844, pelo pintor francês François-René Moreaux (1818-1877), então residente no Rio de Janeiro, sob encomenda do Senado Imperial. Atualmente, a pintura de Moreaux está no Museu Imperial de Petrópolis (RJ). Esta última nem sempre aparece nos livros didáticos, impossibilitando, dessa forma, um trabalho de comparação entre ambas e de estudo do contexto da produção de cada uma delas.

A imagem da “Primeira Missa no Brasil” foi produzida pelo pintor catarinense Victor Meirelles de Lima (1832-1903), em Paris (França), entre os anos 1859 e 1860. Tal imagem procura retratar a chegada dos portugueses ao Brasil, em 1500. Afinal, como essas imagens são utilizadas pelos professores? Buscam eles desenvolver um processo de ensino-aprendizagem em que os indícios, os vestígios do passado são tomados como verdades, como realidade, como uma representação exata dos fatos, em vez de uma produção posterior ao ocorrido?

Ao longo da história, algumas imagens iconográficas têm sido privilegiadas, talvez porque, segundo Saliba, “são impostas coercitivamente, daí também serem chamadas de imagens coercitivas. [...] Tais imagens constituem pontos de referência inconscientes, sendo, portanto, decisivas em seus efeitos subliminares de identificação coletiva” (SALIBA, 1999).

Ivan Gaskell (1992, p. 237), afirma que os historiadores “muitas vezes estão mal equipados para lidar com material visual, muitos utilizando as imagens apenas de maneira ilustrativa, sob aspectos que podem parecer ingênuos”. Todavia, Gaskell (1992, p. 237), se apressa em dizer também que isso nem sempre ocorre e que “alguns historiadores têm proporcionado valiosas contribuições à nossa visão do passado – e do local em que nele está inserido o material visual”.

Nas interseções entre História e memória, as imagens “O Grito do Ipiranga” e da “Primeira Missa no Brasil”, podem ser compreendidas como “lugares de memória”, conforme expressão cunhada por Nora (1981). Na esteira de lugar de memória está a de documento-monumento. Segundo Le Goff (2003, p. 536), o “documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. Assim, as referidas imagens também são compreendidas como documentos/monumentos. Em consonância com as palavras de Le Goff (2003, p. 526), monumento porque herança do passado, evocação, recordação, ligação ao “poder de perpetuação, voluntária ou involuntária”. Documento, porque escolha do professor/historiador. Nesse sentido, todo documento precisa ser interpretado, decodificado, haja vista estar, assim como os textos, preso “na rede contraditória das utilizações que os constituem historicamente” (CHARTIER, 1990, p. 61).

Paiva (2006, p. 17), se refere às “representações iconográficas, às imagens construídas historicamente que, associadas a outros registros, informações, usos e interpretações, se transformaram, em um determinado momento, em verdadeiras certidões visuais do acontecido do passado”. Para o autor, os cuidados que o historiador precisa ter ao lidar com a iconografia são os mesmos de qualquer outra fonte histórica: “traz embutida as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada. Nesse aspecto, ela é uma fonte como qualquer outra e, assim como as demais, tem de ser explorada com muito cuidado” (PAIVA, 2006, p. 17).

Assim, procurou-se identificar a forma pela qual os professores entrevistados interpretam a imagem “O Grito do Ipiranga” e estudantes compreendem a imagem da “Primeira Missa no Brasil” e como, por meio delas, analisam outros temas e contextos diversos. Se a História é sempre uma construção do presente, os documentos/imagens também o são na temporalidade, no presente de cada contexto histórico.

Uma memória visual para a nação

Sabe-se que os artistas do século XIX faziam suas pinturas sob patrocínios. Nesse sentido, Oliveira (2006, p. 5), considera a pintura de Pedro Américo “fruto de encomenda com caráter celebrativo por parte de elites centrais de São Paulo, berço principal do

movimento republicano. [...] O famoso condutor e seu carro de boi, aparentemente secundário na tela, se tornam marco importante da iconografia”.

Assim, comumente se apregoa que a Independência do Brasil é a mais conhecida e celebrada data nacional por ser um acontecimento que teria rompido definitivamente os laços coloniais e políticos com Portugal. No entanto, sabe-se que em 1822 esse fato não teve nenhuma repercussão, visto que nem todos os grupos de elite concordavam com a separação.

Dentre os grupos divergentes do período, havia quem aventasse a possibilidade de uma “independência” sem a separação de Portugal. Assim, interesses contrários entre portugueses do Brasil e os de Portugal, insuflaram a separação com o apoio de Dom Pedro I.

Pergunta-se que tipo de separação foi essa, visto que seu líder heróico, em 1831, ou seja, nove anos depois, abdica do trono e volta para Portugal. Dessa forma, essa data é uma ponta de *iceberg*, ou seja, um ponto de referência simbólico. Essa simbologia do herói Dom Pedro foi construída no campo da política com objetivo de esquecer outros acontecimentos como, por exemplo, a sua abdicação em sete de abril de 1831.

Para construir a imagem da “Primeira Missa no Brasil”, depois de aproximadamente quatro séculos da chegada dos portugueses em território brasileiro, Victor Meirelles se inspira na Carta de Pero Vaz de Caminha e na obra de Horace Vernet, esta última tomada como modelo e núcleo da obra. A “Primeira Missa no Brasil” é resultado de uma complexa relação entre as idéias e as utopias que se desenvolveram dentro do chamado “projeto civilizatório”, presente no imaginário das elites brasileiras no século XIX.

Assim sendo, na produção historiográfica, as imagens foram utilizadas nos livros conforme os objetivos dos grupos que estavam no poder. Além disso, a divulgação de imagens e a criação de mitos fundadores estão vinculadas ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o qual, desde a segunda metade do século XIX, havia se encarregado de escrever a história do Brasil. Se no Brasil imperial (1822–1889), o IHGB produziu trabalhos para exaltar a monarquia e a colonização portuguesa, no Brasil republicano, a produção da historiográfica teve por base se centrar nos feitos políticos dos grandes homens e, sobretudo, na valorização da idéia de unidade nacional.

Embora as ilustrações já estivessem sendo usadas em livros didáticos brasileiros desde meados do século XIX, foi a partir das primeiras décadas do século XX que elas se tornaram peças importantes no ensino de história do Brasil. A preferência dos autores e dos editores recaiu sobre imagens que dessem um certo grau de “veracidade” aos fatos narrados nos livros que não

só estivessem em sintonia com as principais obras da historiografia que lhes serviam de referência, mas também se harmonizassem com o estilo narrativo e épico dos textos didáticos (SIMAN, 2001, p. 94).

Dessa forma, as imagens deveriam acompanhar os textos escritos, a narrativa do acontecido. Dentre os artistas que se destacaram nessas representações, encontravam-se dois grupos: os viajantes europeus que estiveram no Brasil do século XVI ao século XIX e os pintores, tanto brasileiros quanto estrangeiros.

Muitas imagens selecionadas para se tornarem a memória visual da nação estão nos livros de História do Brasil e por isso a importância em se refletir sobre como são utilizadas pelos professores. É preciso analisar como valem-se dessa memória visual construída para a nação. Essa memória contribui para desenvolver a consciência histórica, o pensamento crítico, para compreender os estatutos de produção do conhecimento histórico ou continua reforçando a contemplação aos “esplendores da imortalidade?” (CARVALHO, 2009).

Qual é a recepção das imagens “O grito do Ipiranga” e da “Primeira Missa no Brasil” no meio escolar? Como professores e alunos compreendem e interpretam a dimensão histórica relacionada a essas pinturas?

Memórias de professores sobre “O Grito do Ipiranga” e representações de estudantes sobre a “Primeira Missa no Brasil”¹

De modo geral, os livros didáticos apresentam as imagens como se elas fossem capazes de representar uma realidade objetiva, isto é, a imagem não é integrada ao texto escrito, não é explorada pelos próprios autores, é como se não fizesse parte, não fosse também conteúdo a ser decodificado. A simplificação de leituras e de interpretações não favorece a uma visão plural, das múltiplas dimensões do social e da visão cultural de quem constrói as imagens.

A intenção foi observar se os professores entrevistados e estudantes ainda guardam resquícios do viés positivista do século XIX em torno de uma imagem construída justamente

¹ Os dados foram coletados por Doraci Vieira e Fernanda Borges de Oliveira. O resultado foi a elaboração de dois trabalhos de conclusão de curso, intitulados: O conhecimento histórico de jovens estudantes sobre a imagem da “Primeira Missa no Brasil” e “Independência ou morte”: o quadro de Pedro Américo no ensino de História.

para focar os grandes personagens e silenciar outros tantos. Em outras palavras, identificar se a história é abordada de forma crítica.

Os professores entrevistados foram: Rodolfo Pantel, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 26/09/2008, Nelson Maurílio Coelho Júnior, do Educandário Imaculada Conceição, em 16/09/2008 e Jair Nazareno Xavier, do Colégio Bom Jesus Coração de Jesus, em 08/10/2008, todos situados na área urbana de Florianópolis. As entrevistas devidamente gravadas e transcritas giraram em torno de quatro questões, a saber: (a) Por que escolheu ser professor de História? (b) Segue alguma corrente historiográfica? (c) Fale sobre as atividades desenvolvidas em sala de aula sobre o conteúdo da Independência do Brasil, como prepara as aulas sobre esse assunto. (d) Fale como explica aos alunos a imagem “O Grito do Ipiranga”.

Os referidos professores possuem em comum um longo período no exercício na docência. Rodolfo Pantel tem 56 anos de idade e exerce a docência há 32 anos. Nelson Maurílio Coelho Júnior tem 36 anos de idade e é professor há 16 anos. Jair Nazareno Xavier tem 42 anos de idade e trabalha como professor há 24 anos. Numa analogia a Le Goff, seria possível dizer que esses professores são documentos/monumentos.

Além da vasta experiência em sala de aula, há outro elemento em comum nos últimos dois: trabalham em colégios particulares de cunho religioso/católico. Além desses fatores, todos já trabalharam numerosas vezes o tema em torno da Independência do Brasil.

Cada um deles discorreu acerca de sua trajetória pessoal, falou por que escolheu ser professor de História e opinou sobre as correntes historiográficas. Rodolfo se expressa do seguinte modo: “há ótimos trabalhos em todas as linhas” (PANTEL, 2008).

O professor Nelson diz ter tido uma formação marxista e então fica difícil se desvincular desse viés completamente. Escolheu ser professor de História porque era uma disciplina que o atraía mais, sempre gostou de ler, teve muita curiosidade pela História, teve ótimos professores de História, então acredita ter sido um conjunto de fatores que o levaram a escolher a profissão (JÚNIOR, 2008).

Ao serem questionados sobre o modo como trabalham com a temática em torno da Independência do Brasil, especificamente a imagem sobre “O Grito do Ipiranga”, nas narrativas dos três professores, há o indicativo que a utilizam como fonte histórica e não como mera ilustração. Isso pode ser observado no fragmento a seguir, no qual o professor procura explorar o contexto da época.

No caso da Independência do Brasil, a grande discussão que eu tento fazer com os alunos é de que o mundo naquele período está em processo de grande transformação. É claro que o motor dessas mudanças vem da Europa, mas atingem a América e o Brasil de maneira direta, com a coisa da crise do sistema colonial. Então eu acho muito importante dar esse contexto. O tipo de movimento onde os grupos dominantes acabam chegando a seus acordos e tal, pra manter o que interessa (PANTEL, 2008).

O professor Rodolfo diz que, ao trabalhar com a imagem “Independência ou Morte!”, procura partir do presente, isto é, de Victor Meirelles, o qual pintou o quadro da “Primeira Missa no Brasil”, artista mais próximo, pois é catarinense. Na opinião dele, a discussão sobre as imagens é muito importante, “porque às vezes nas letras e aulas não se consegue por vezes perceber, como era o contexto, então a imagem é muito importante” (PANTEL, 2008). Nas palavras do referido professor, trata-se de “visualizar mesmo”, mas também ir mostrando que os pintores tinham de sobreviver, eles tinham que vender suas pinturas, e às vezes era para o governo, para a monarquia. Diante dos pedidos, tinham de retratar as grandes figuras da sociedade da época, os barões e os duques, os condes e as princesas.

Toda essa produção que eles fizeram era uma forma de propaganda da monarquia daquela época. Então é claro que Pedro Américo e Victor Meirelles não iam pintar uma princesa nariguda e com uma verruga. Aquilo lá não é exatamente a realidade, nem a foto é, quem dirá a pintura! Então eu acho que trabalhar com a imagem de Pedro Américo é muito interessante porque possibilita refletir sobre coisas importantes para o historiador. Porque o quadro é um documento histórico e precisa ser trabalhado com muito cuidado, porque senão ele engana o historiador (PANTEL, 2008).

Enfim, esse primeiro entrevistado narra em detalhes vários aspectos da pintura que são por ele explorados. Diz que a imagem tenta passar a idéia de Dom Pedro herói, como um libertador, de um dia ensolarado, entre outros aspectos positivos. Afirma que tenta desmistificar Dom Pedro I, mostrando o quanto ele foi ambíguo. Ele era o filho do rei. Para o professor Rodolfo, somente dessa forma é possível ir introduzindo a reflexão crítica sobre a imagem de Dom Pedro sendo um herói da independência. O professor conclui a entrevista dizendo que a independência foi fruto das transformações macroestruturais que estavam acontecendo naquele período (PANTEL, 2008).

O segundo entrevistado, professor Nelson Maurílio Coelho Júnior, relata que gosta de fazer com que a aula seja atrativa. Para isso, “leva textos e matérias de revistas. Esse ano eu

comecei trabalhando a Independência, puxando pela chegada da família real ao Brasil, pois estava sendo muito debatido na mídia” (JÚNIOR, 2008).

Essa fala do professor Nelson permite afirmar que ele trabalha os conteúdos com base naquilo que os alunos vivenciam no presente, num movimento dialético. Ou seja, do presente vai ao passado e retorna ao presente.

Relata também que ele e os alunos assistiram ao filme, “Carlota Joaquina imperatriz do Brasil”, de Carla Camuratti. Com base no filme, os alunos fizeram uma paródia para fechamento do conteúdo: “Então acabaram fazendo uma paródia, fizeram um teatro e agora antes de entrar no processo da Independência, eu trabalhei com a questão dos personagens, quem eram os brasileiros? Então eu levei um texto de um autor que perguntava se realmente o Brasil existia” (JÚNIOR, 2008).

Informa que o autor do texto tecia argumentos de que o Brasil não existia naquela época, e isso era extremamente incômodo para os grupos que queriam o poder. Segundo seu relato, o autor apresentava personagens durante o livro, como, por exemplo, prostitutas, pessoas pobres, padres, exército, senhores de engenho, escravos. Enfatiza que os alunos “se apaixonaram pelos personagens e começaram a falar, principalmente quando falavam das prostitutas, até tinha uma gravura no texto sobre uma prostituta que tinha roupas longas, e eles imaginavam prostituta somente de mini-saia” (JÚNIOR, 2008).

Segundo as narrativas desse professor, houve debate e como ele viu o interesse pelos personagens, elaborou um projeto junto à coordenação do colégio: a elaboração de bonecos representando os personagens do filme. Na apresentação com os bonecos, houve filmagem. Depois de vários personagens, o referido professor trabalhou sobre o modo como Dom Pedro I é representado em muitos livros de história. Relata ainda que fez um trabalho interdisciplinar com a professora de artes:

Num primeiro momento analisamos a imagem, vemos os detalhes, pesquisamos sobre o artista Pedro Américo. Como essa pintura foi produzida, os alunos acham impressionante, porque tem uma denúncia de corrupção, tem um monte de falcatuas, a pintura demorou, houve um superfaturamento. A imagem foi produzida seis décadas depois do acontecido, Pedro Américo foi à região do Ipiranga, mas ela já havia sido modificada (JÚNIOR, 2008).

Para o entrevistado, nos alunos ocorre um misto de frustração, eles acham graça daquele cara levantando guarda-chuva ao fundo da imagem, começam a refletir, entram no

debate. Eles mesmos lançam a pergunta: – “Então, todas as imagens são falsas? Tudo que foi pintado é mentira?”.

Diante dessa indagação do aluno, o professor Nelson diz explicar que não é bem uma enganação, que a obra foi encomendada, que o pintor atendeu a uma exigência. O professor conclui afirmando que as aulas de História, que os processos educativos que ele desenvolve são muito diferentes e melhores dos que ele teve. Afirma nunca ter tido um debate sobre esse assunto, nem mesmo na universidade. No tempo da graduação, nunca ouvira falar que a pintura de Pedro Américo não retratava uma verdade.

E acrescenta: “Não sei se era uma falha da escola pública ou dos professores. O que eu tive era uma história de questionário, e mesmo assim eu gostava, imagina se eu tivesse assistido esse tipo de aula sobre Pedro Américo” (JÚNIOR, 2008).

Dentre as memórias do professor Jair Nazareno Xavier, houve relatos que apresentam o olhar crítico e interpretativo, conforme os professores Rodolfo e Nelson. Comenta que suas aulas são de recitar poemas, de lembrar a frase do “Fico”, os personagens que participaram da História, o discurso de Dom Pedro. Diz que as aulas devem estimular a criatividade dos alunos e é preciso estabelecer critérios.

Os critérios é como se fossem os nossos objetivos. Então o aluno, no tema determinado, tem que aprender assim: (1) Identificar a Independência como um projeto de elite brasileira. Eles têm que perceber isso através do conteúdo que está no livro. (2) Constatar as estruturas do Brasil após a Independência para perceber o que houve de mudança, o que encontrou igual. (3) Como se organizou o Estado brasileiro (XAVIER, 2008).

O professor Jair diz se preocupar em visualizar o que é essencial e, à medida que as aulas vão acontecendo, ele orienta: “olha não era bem assim, a situação não era essa, a pintura, ela vem para representar o momento”(XAVIER, 2008). Ele acredita ser importante trabalhar o contexto da Independência, da luta que existiu, da manutenção da ordem econômica que ficou no país, enfim, que foi uma Independência manipulada. Também trabalha com o hino da Independência, procurando fazer com que os alunos escrevam o hino na linguagem deles; atualmente, está pensando em fazer algo como um *rap*.

Relativamente aos livros didáticos, os três professores ressaltam que cada livro apresenta formas e metodologias distintas, e a utilização apenas de um livro torna difícil o entendimento do aluno, pois os textos são reduzidos e sucintos.

O professor Rodolfo comenta que a aplicação do livro didático no ensino de História, apesar da pouca qualidade de muitos, é de suma importância para o aluno, por uma questão de linha orientadora.

O livro didático tem vários problemas, mas eu gosto que meus alunos o tenham, porque aí eles têm uma linha. E além do livro didático se usa o filme, se usa o teatro, se usa a palestra, posso trazer textos, trazer imagens. Aí a gente agrega, complementa, inclusive critica o livro didático, quando for necessário. Porque todos eles têm algum problema, nenhum livro é perfeito (PANTEL, 2008).

Os professores Rodolfo, Nelson e Jair demonstram a importância de tomar o livro didático como documento histórico e analisar as figurações de memórias neles contidas. Apontam como as representações acerca do passado e do presente podem ser desnaturalizadas pela leitura crítica das imagens, compreendidas como documentos históricos.

A investigação sobre as representações em torno da “Primeira Missa no Brasil” foi realizada com a aplicação de um questionário a sessenta e um estudantes de duas turmas de oitavas séries, em duas escolas da rede pública estadual de Santa Catarina: a Escola Getúlio Vargas, em Florianópolis e a Escola Maria Corrêa Saad, em Garopaba. Juntamente com a imagem entregue a cada aluno, constaram as seguintes perguntas:

- 1) Você já viu esta imagem antes? Sim () Não ().
- 2) Descreva o que você vê na imagem. O que a imagem mostra? (acontecimento, pessoas, lugar).
- 3) Quando a imagem foi feita? (época aproximada: ano, século).
- 4) Quem produziu a imagem?
- 5) Por que você acha que o artista pintou a imagem desta maneira?
- 6) Você pensa que essa imagem mostra o que realmente aconteceu?
Sim () Não (). Por que?
- 7) Se você lembrar de outras informações sobre a cena retratada na imagem, escreva abaixo.

Os jovens estudantes dessas duas escolas, em sua maioria, desconhecem que a imagem da “Primeira Missa no Brasil” é uma representação. As respostas indicam desconhecimento

em relação aos contextos de produção e de representação da cena apresentada. Essa constatação leva a muitas indagações e a vislumbrar as formas diversas de se ensinar e aprender história no tempo presente, haja vista que a imagem é compreendida, pelos referidos estudantes, como ilustração de uma realidade, ou ainda, uma verdade.

Algumas considerações

Num mundo de consumo de imagens, em certa medida, desenfreado, segundo os três professores entrevistados, cabe ao professor de História a tarefa de contribuir na filtragem e compreensão das imagens, objetivando quais devem ser apropriadas pelo público escolar, a fim de as integrarem ao seu imaginário e à sua memória.

Diante da problematização sobre os limites e as possibilidades em relação ao uso do documento histórico na sala de aula, os referidos professores fornecem possibilidades de que é possível fazer uma abordagem que proponha a reflexão e a crítica ao documento-monumento. Eles sinalizam para as perspectivas de não aceitação de imagens impostas como verdades, apostam na construção de novas imagens e na ressignificação de imagens antigas.

Por meio dos discursos desses professores, foi possível perceber que eles utilizam a imagem “O Grito do Ipiranga” como fonte histórica, tornando, dessa maneira, o aprendizado da história prazeroso e instigante. Pena que diferentemente deles, muitos professores e estudantes ainda se apegam à ilusão de imaginar que “a cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos” (Apud LE GOFF, 2003, p. 531).

Enfim, retomando a epígrafe deste artigo e considerando as respostas dos estudantes das escolas Getúlio Vargas e Maria Corrêa Saad, ainda é necessário investir na formação para se compreender que o que “sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade” (LE GOFF, 2003, p. 525).

Referências

- BITTENCOURT, Circe (Org.). O saber histórico na sala de aula. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- CARVALHO, José Murilo de. Os esplendores da imortalidade. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/dc_6_2.htm. Acesso em: 25 fev. 2009.
- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- COLI, Jorge. A pintura e o olhar sobre si: Victor Meirelles e a invenção de uma história visual no século XIX brasileiro. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). Historiografia brasileira em perspectiva. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998a.
- _____. Primeira Missa e invenção da descoberta. In: NOVAES, Adauto (Org.). A descoberta do homem e do mundo. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- CHAUÍ, Marilena. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. 7. ed. São Paulo: P. Abramo, 2007.
- GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. História e memória. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.
- NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC, 1981.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Pedro Américo e Benedito Calisto: a construção do imaginário paulista. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 38, jul./dez./2006.
- PAIVA, Eduardo França. História e imagens. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SALIBA, Elias Thomé. As imagens canônicas e o ensino de História. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene (Orgs.). III Encontro Perspectivas do Ensino de História. Curitiba: UFPR, 1999.
- SIMAN, Lana Mara de Castro (Org.). Inaugurando a história e construindo a nação: discursos e imagens no ensino de história. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.